

In Cordibus Nostris

# ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano IV • Edição 10 • OUTUBRO 2023

## SÃO PAULO DA CRUZ

A exegese vivente do Evangelho da Paixão



### Pe. Giovanni Cipriani, cp

Religioso Passionista - Província da Exaltação da Santa Cruz. Reside hoje na cidade de Huambo, Angola, África. Trabalha com a formação dos jovens Passionistas angolanos.

O mês da festa litúrgica de São Paulo da Cruz é sempre motivo de alegria, por nos proporcionar momentos fortes de recordação da sua vida, da sua vocação e da missão que ele abraçou. Para nós que vivemos os desafios de sermos hoje exegetas lúcidos e encarnados do Evangelho da Paixão, percebemos a atualidade da mensagem de Paulo da Cruz, do carisma e da espiritualidade Passionista. Paulo da Cruz nos reuniu como companheiros para vivermos em comum e anunciarmos o Evangelho de Cristo aos homens”,[1] a partir de nossa experiência pessoal da *Memoria Passionis*. Nesta perspectiva, e para melhor celebrarmos a festa de nosso santo pai e fundador, quero oferecer uma reflexão sobre o nosso carisma.

#### Clareza e teimosia de Paulo da Cruz

“Nossa participação na Paixão de Cristo, ao mesmo tempo pessoal,

comunitária e apostólica, é expressa com voto especial. Por esse voto, nos obrigamos a promover a memória da Paixão de Cristo por palavras e obras, para aumentar, assim, a consciência de seu significado e valor para cada homem e para a vida do mundo. Por este vínculo, nossa Congregação toma seu lugar na Igreja e se consagra plenamente à sua missão”.[2]

‘Promover a memória da Paixão de Jesus’ é algo que poucas Congregações têm: um carisma tão claro, tão bem definido e fundamentado, tão central da vida cristã como o dos Passionistas. Assim, a partir da centralidade que a Paixão de Jesus tem na vida cristã, é que podemos entender as palavras do papa Bento XIV quando aprovou as Regras: “Esta Congregação da Paixão de Jesus Cristo devia ser a primeira a ser instituída...”.[3]

[1] Constituições, 1

[2] Constituições, 6.

[3] P. Giuseppe Giacinto, OP 438v (Cfr.: P. Enrico Zoffoli C.P., S. Paolo della Croce, Storia critica, vol. III, p. 1939).

Sabemos que o Papa não teria aprovada a Congregação “se não tivesse tido este título”, a Paixão de Jesus, que “estava quase extinta no cristianismo”.<sup>[4]</sup> Portanto, ele aprovou a Congregação unicamente para que, “por meio dela, os fiéis aprendam e vivam o maior mistério da salvação”<sup>[5]</sup>, e nisto consiste o dito de Paulo da Cruz: “A nossa Congregação está bem fundada e estabelecida até o fim do mundo”.<sup>[6]</sup>

Do nosso Fundador, o que sempre me impressionou, foi a clareza sobre a Congregação e seu carisma, o que resumo em três pontos: 1. “na Paixão de Jesus está tudo”<sup>[7]</sup>; 2. “a Congregação é um presente de Deus à Igreja”<sup>[8]</sup>; 3. “eu sou simplesmente um instrumento nas mãos de Deus”.<sup>[9]</sup> O carisma da nova Congregação era da vontade de Deus e ele estava somente obedecendo a Deus; eis porque nunca desistiu, mesmo diante de tantas dificuldades e contrariedades: “Deixemos fazer a Deus; seja feita a vontade de Deus; seja abençoado em eterno o Senhor; eu não quero nem mais nem menos o que Deus quer e Ele gosta”.<sup>[10]</sup>

Certo dia, Paulo da Cruz teve uma ‘visão intelectual’ - não uma ‘iluminação’ ou ‘alucinação visiva’ que pode ser enganosa, pois é fruto de uma emoção ou conflito interior

–: viu um imenso fogo que iluminava e esquentava o mundo inteiro. Este fogo era a *‘Memoria Passionis’*. É esta clareza e convicção que explica a ‘teimosia’ que leva Paulo a fazer o voto de ‘pregar a Paixão de Jesus’, logo após uma decepção que teria levado qualquer pessoa a desistir e abandonar tudo.

Em setembro de 1721, de Civitavecchia,<sup>[11]</sup> Paulo parte em uma viagem de vários dias para Roma.<sup>[12]</sup> Aí encontra hospitalidade em Trinità dei Pellegrini,<sup>[13]</sup> uma casa de apoio para peregrinos. Na manhã seguinte, após intensas orações, decide apresentar-se ao papa, que naqueles meses residia na residência de verão do Quirinale.<sup>[14]</sup>

Ao chegar, dirige-se a um mestre de câmara do papa e pede-lhe com uma ingenuidade surpreendente, que lhe seja concedido falar com o papa. O funcionário, vendo aquele indivíduo assim tão andrajoso, considera-o um vagabundo e o despacha sumariamente, sem sequer o querer ouvir: “Sabeis quantos bandidos vêm aqui todos os dias? Ide, ide embora...”.<sup>[15]</sup> Paulo, de cabeça baixa e triste, sai e senta-se perto de uma fonte para comer o pão que lhe tinha sobrado da tarde anterior.<sup>[16]</sup>

Quanta ingenuidade havia no jovem Paulo! Apesar de tudo, a experiência

[4] C. Petri, OP 329v-330 (Cfr.: P. Enrico Zoffoli C.P., S. Paolo della Croce, Storia critica, vol. III, p. 1940).

[5] Bula Supremi apostolatus, § 3.

[6] L III, p. 833, ad A. M. Calcagnini, dic. 1770.

[7] L I, p. 558, a T. Fossi, 23 sett. 1747 (Cfr.: P. Enrico Zoffoli C.P., S. Paolo della Croce, Storia critica, vol. III, p. 1940).

[8] G. Giacinto, OP 439 (Cfr.: P. Enrico Zoffoli C.P., S. Paolo della Croce, Storia critica, vol. III, p. 1940).

[9] “Quanto mais confio no meu Senhor crucificado, tanto mais estou convencido de que tudo se conseguirá. Deus deu-me a inspiração e o sinal seguro de que é Ele que o quer. De que hei de ter medo? Parece-me que pecaria de infidelidade se disso duvidasse” (L I, 22, a Dom Gattinara, 11 de março de 1721). A Carta a Dom Gattinara foi escrita em 1721 e não em 1722 conforme relatado na biografia do Adolfo Lippi, São Paulo da Cruz. Evangelizador e místico, cit., p. 24 da edição italiana e p. 61 da edição portuguesa. Cfr: P. Enrico Zoffoli C.P., S. Paolo della Croce, Storia critica, vol. I, pp. 224-226.

[10] S. Paolo della Croce, Processi IV, p. 33

[11] Cerca de 70 km a norte de Roma, onde passava (e passa ainda hoje) a importante estrada romana ‘Via Aurelia’.

[12] Cfr.: P. Enrico Zoffoli C.P., S. Paolo della Croce, Storia critica, vol. I, pp. 232-239.

[13] Fica perto da ponte ‘Ponte Sisto’, entre Via del Conservatorio e Via dei Pettinari.

[14] Hoje residência do Presidente da República italiana.

[15] A distancia entre Trinità dei Pellegrini e o Quirinale é de cerca 2,5 km. Naquele tempo, Roma tinha cerca de 140 mil habitantes, as estradas eram de chão, lama e poeira em todos os cantos. Nessa realidade, podemos imaginar em que condições Paulo chegou ao Quirinale!

[16] PBC, I, pp. 45-46 (G. Cioni)

foi-lhe útil. Ele aprendeu a não ficar se culpabilizando ou fazendo raciocínios inúteis, mas sim entender que o encontro com o papa, naquela altura, não era vontade de Deus. Assim, dirigiu-se para a basílica de Santa Maria Maior,[16] e diante da imagem de Nossa Senhora, chamada *Salus populi romani* (Saúde do povo romano),[17] enquanto passava pela experiência de total pobreza e frustração, recebeu a graça que mais caracterizará sua vida e sua Congregação ao fazer um voto especial: o de se dedicar a «promover no coração dos fiéis a devoção à Paixão de Jesus e de fazer o possível para reunir companheiros e conseguir idêntico efeito».[18]

Até àquele momento, o ponto central da espiritualidade de Paulo era da atitude negativa de pobreza e desapego do mundo, chegando a chamar os membros da Congregação à qual estava a dar início, com o título de «Pobres de Jesus». Aprofundando esta espiritualidade do desapego e da pobreza naquele momento de grande humilhação, Paulo descobriu um elemento positivo que será sempre mais o centro da sua atenção: a Paixão de Jesus.

Com esta graça, Paulo recebeu uma força ainda maior do que a anterior. Invés de desanimar ou de se fechar em si mesmo, ele embarca - talvez no dia 26 ou 27 de setembro - para Civitavecchia. Sentindo-se atraído para o monte que tinha admirado na viagem de ida para Roma, continua até Porto Ercole, aos pés do Monte Argentário,[19] pedindo ao pároco, padre António Serra,

alguma possibilidade de se retirar naquele monte. Este lhe fala de um eremitério abandonado, chamado Eremitério da Anunciada.

Assim, Paulo dá-lhe uma vista de olhos e fica encantado, decidindo imediatamente ir falar com o bispo, que por sua vez, não tem nenhuma dificuldade em lhe conceder autorização para tomar conta do eremitério.[20]

### O carisma: Memoria Passionis

Paulo conseguiu descobrir para si e para a sua Congregação a centralidade da *Memoria Passionis* através de uma experiência pessoal de Paixão, e deste modo, a intuição de “reunir companheiros” teria como finalidade a interiorização desta Paixão.

O voto específico da Paixão não apareceu no primitivo texto das Regras de 1720 e nem constava ainda no texto entregue a Dom Cavalieri, em 1724, mas só apareceu pela primeira vez no texto das Regras em 1730, quando entregue ao cardeal Altieri, junto ao ‘emblema’ (coração passionista) que enriqueceu a referência à ‘Paixão’, e ao símbolo dos ‘cravos’. O voto de Paulo estava destinado a incutir nos fiéis a devoção à Paixão, mas é claro que isto supunha também uma pessoal contemplação e o aprofundamento do mistério a anunciar. De fato, toda a espiritualidade de Paulo gravita entorno do tema da Paixão e, por isso, a *Memoria Passionis* desenvolve-se com a participação pessoal na Paixão.

Ainda nesta perspectiva da *Memoria Passionis*, Pe. A. Lippi escreveu:

[17] Distante do Quirinale cerca de 1,5 km.

[18] O que parece ocasional tem um significado teológico profundo. Diante da imagem de Nossa Senhora da ‘Saúde’, Paulo faz o voto de apresentar a Paixão de Jesus como ‘remédio’ eficaz para curar os males da sociedade!

[19] Storia della Congregazione della Passione di Gesù Cristo, vol. I: L’epoca del Fondatore, Stauròs, Pescara 1981, pp. 97-

[20] Cerca de 160 km a norte de Roma.

[21] Adolfo Lippi, São Paulo da Cruz. Evangelizador e místico. Mestre de santidade para hoje, Edições Passionistas, Santa Maria da Feira, Portugal, 2015, pp. 68-70.

*"podemos ligar o pensamento de Paulo sobre a participação na Paixão com um lúcido testemunho de Bonhoeffer:[22] 'Quando se renunciou completamente a fazer qualquer coisa de nós próprios - um santo, um pecador arrependido, um homem de igreja (a chamada figura sacerdotal), um justo ou um injusto, um doente ou um são - a este chamo eu um ser de alguém (do lado de cá), isto é, que vive na plenitude dos compromissos, dos problemas, dos êxitos ou dos fracassos, das experiências, das perplexidades -, então atira-se completamente para os braços de Deus, não toma mais a sério os próprios sofrimentos, mas os sofrimentos de Deus, então vigia com Cristo no Getsêmani e, penso eu, esta é fé, esta é metanoia, e assim se fazem homens e se tornam cristãos (cf. Jeremias 45). Porque nos haveríamos de orgulhar dos êxitos ou perder a cabeça por causa dos fracassos, quando, no aquém da vida, participamos nos sofrimentos de Deus?' ".[23]*

Fazer memória da Paixão de Jesus Cristo é o elemento constitutivo da Congregação e a razão da nossa existência na Igreja. É o mandato que Deus deu a nós e à Família Passionista com a vocação. 'Memória' é para nós fazer do Mistério Pascal o centro da nossa vida, dedicando-nos com amor "ao seguimento de Cristo Crucificado e nos preparando para anunciar, com espírito de fé e caridade, sua Paixão e Morte, não apenas como um fato histórico do passado, mas sim como realidade presente na vida dos homens, especialmente nos 'crucificados' de hoje pela injustiça, pela falta de sentido profundo da existência humana, pela fome de paz, de verdade e vida".[24]

Toda a história da salvação leva-nos a fazer memória das obras de Deus em benefício do povo eleito até a plenitude em Jesus Cristo. Assim, 'fazer memória' é essencial para a fé cristã, na qual a Eucaristia se faz memorial da morte e ressurreição do Senhor. E para nós Passionistas, 'fazer memória' é viver o carisma de Paulo da Cruz, que fundou a Congregação para fazer contínua memória da Paixão do Senhor e ensinar aos fiéis a 'fazer memória', especialmente através da meditação.

### O que é 'fazer memória'?

*Fazer memória:* 1. Não é simplesmente vestir o hábito com o emblema da Paixão, pois este é um sinal externo; 2. Não é viver no convento, pois também isso é um sinal externo que nos ajuda a viver a 'memória'; 3. Não é viver uma vida austera e de penitência de forma moderada e equilibrada, uma vez que a penitência e a austeridade podem ser modos de participação à Paixão de Jesus e de solidariedade com o povo sofrido; 4. Não é só ler e meditar as narrativas da Paixão nos Evangelhos, visto que isso é uma ajuda para 'fazer memória'; 5. Também não é deixar-se levar apenas pelo emocional, pois isto mexe apenas com os sentimentos.

*Fazer memória* é um exercício que envolve toda nossa pessoa e orienta nossas escolhas de vida, levando-nos para a missão e dando um significado pleno e gratificante à nossa vida. Em uma palavra, nos une ao mistério da Paixão redentora de Jesus.

*Fazer memória* é ir até o centro do nosso coração, não tanto para lembrar os acontecimentos da Paixão, mas para entrar no 'mistério do amor da Paixão de Jesus'.

[22] D. Bonhoeffer, Resistenza e resa. Lettere e scritti dal carcere, Paulinas, Cinisello B. 1988, p. 446.

[23] Cfr.: Adolfo Lippi, São Paulo da Cruz. Evangelizador e místico. Mestre de santidade para hoje, Edições Passionistas, Santa Maria da Feira, Portugal, 2015, pp. 342-343.

[24] Constituições, 65.

Desta forma, é um entrar convicto do nosso coração no coração de Jesus, que vive sua Paixão.

*Fazer memória* é um exercício interior, e São Paulo da Cruz (e os demais santos e santas Passionistas) entendiam isso claramente quando estava em oração. Ele fixava o olhar interior no coração de Jesus e dizia para si mesmo algumas expressões de fé e adoração, como, por exemplo: “um Deus flagelado por mim! um Deus crucificado por mim!...”. Então entrava em oração contemplativa e, conversando com Jesus, exclamava: “Jesus, como estava seu coração durante a flagelação?”, “como estava seu coração durante a coroação de espinhos?”.

Por fim, o resultado do exercício de ‘*fazer memória*’ é uma vida transformada, uma resposta de vida ao amor de Jesus, completamente colocada ao serviço da salvação dos irmãos e das irmãs e totalmente orientada a buscar e fazer a vontade de Deus. O exercício da *Memoria Passionis* leva para uma vida plenamente teológica, vivida na fé, na esperança e na caridade. ‘*Fazer memória*’ é o centro do carisma Passionista.[25] É o nosso lugar específico na Igreja e na sociedade.

### **A Paixão de Jesus: remédio eficaz**

Para curar os males de seu tempo, Paulo da Cruz apresentou a Cruz de Jesus. Essa intuição do nosso Fundador, ainda hoje tem toda sua força, ou será que o Crucificado é um remédio ‘vencido’ e ineficaz para os males de hoje? Nós, Passionistas, devemos continuar a apresentar esse ‘remédio’ para sociedade de hoje, pois nosso carisma tem uma força insubstituível para curar este nosso mundo de corrupção e de violência.

Quando eu penso, por exemplo, nos

adolescentes e jovens que matam com tanta atrocidade para roubar e quando penso nos assaltantes que não respeitam mais nem as crianças, então eu me convenço sempre mais que o ‘doente’ não é a pessoa. É a nossa ‘cultura’ que está doente e também cria ‘doentes’. Vemos no caso das escolas públicas, se há livros que apresentam exemplos de vida de entrega, doação, de respeito da vida, como uma vez tínhamos? A vida é apresentada como ‘sagrada’, como dom de Deus? Onde não se semeia amor, espalha-se o ódio e a violência!

Cristo morreu na cruz porque cada um de nós é sagrado ao coração de Deus. E se hoje a vida está tão banalizada é porque não estamos levando mais o nosso olhar para o ‘autor’ da vida, Jesus Crucificado. Nossa vocação Passionista é levantar a Cruz de Jesus com coragem, e pregar a mensagem de amor e perdão como fazia nosso fundador. Assim, é importante aconselhar as crianças, os jovens e adultos a olharem por dois minutos Jesus na cruz e rezar a jaculatória: “Jesus eu te agradeço por ter morrido na cruz por meu amor”. E, após um momento de contemplação, dizer: “O que vou fazer hoje para agradecer a Jesus?”. Esses poucos momentos, segundo o pensamento e a experiência de São Paulo da Cruz, podem mudar a vida de muitas pessoas.

Santo Agostinho, em suas profundas reflexões, nos diz que a ‘memória é o presente do passado’, não é a repetição do passado, mas seu presente. Como em Paulo da Cruz, a *Memoria Passionis* constituiu o ‘princípio fundante’ e o ‘centro unificador’ de sua vida e apostolado, assim deve ser para um Passionista. Ela deve estar fixa no coração e se tornar uma nossa atitude firme e permanente. É a nossa vida que torna visível o carisma, não o trabalho

pastoral ou as nossas obras sociais e educacionais.

Para nós Passionistas, *'fazer memória'* significa *'ser memória'* no hoje. Ser uma exegese vivente da Paixão é a resposta mais bonita ao chamado para sermos *'companheiros'* de Paulo da Cruz. Ele foi, no seu tempo e circunstância, a exegese vivente do Evangelho da Paixão. Neste sentido, o Apóstolo Paulo explica como ser *'exegese'* vivente: *"Haja em vós o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus"* (Fl 2,5); *"Com Cristo, eu fui pregado na cruz. Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim"* (Gl 2,19-20). No propósito de aprofundarmos essa reflexão, sugiro as seguintes questões: Como a Memória Passionis tem sido princípio fundamental em sua vida pessoal, comunitária e apostólica? Você tem procurado desenvolver, dentro de si mesmo, o dom de ser exegese vivente do sentir e do pensar de Cristo Crucificado?

## EXPEDIENTE

### Equipe de Espiritualidade da FPB

**Pe. Gilberto de S. M. Arcanjo, cp**  
Prov. Exaltação da Santa Cruz

**Ir. Jaqueline B. de Oliveira, cp**  
Prov. São Gabriel

**Cl. Luiz Carlos Rodrigues da Silva, cp**  
Prov. Getsêmani

**Ir. Maria Irene da Silva, cp**  
Prov. Rainha da Paz

**Maria do Socorro Marcos da Silva**  
Leiga - Prov. Getsêmani

**Ir. Rosana Bertachi, cp**  
Prov. Imaculado Coração

Contato por e-mail: [espiritualidadepassionista@gmail.com](mailto:espiritualidadepassionista@gmail.com)



**Família Passionista**  
**Outubro 2023**

- 01- Recordação do Servo de Deus Pe. Ignatius Spencer, cp**
- 06- Memória do Beato Isidoro de Loor, Passionista**
- 09- Memória de S. Inocêncio Canoura Arnau, Mártir, Passionista; Recordação do Servo de Deus Pe. Theodore Foley, cp**
- 12- Solenidade de N. Sra. Aparecida, Padroeira do Brasil.**
- 18- Trânsito de São Paulo da Cruz, às 16h45 do dia 18 out. 1775**
- 19- Solenidade de São Paulo da Cruz, Fundador da Congregação Passionista**
- 22- Recordação da Venerável Me. Leonarda Boidi, Monja Passionista**

**In Cordibus Nostris**  
**ESPIRITUALIDADE**  
**PASSIONISTA**